

PIB DO AGRONEGÓCIO CAI NO TERCEIRO TRIMESTRE E ACUMULA BAIXA DE 0,91% EM 2023

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou queda de 1,37% no terceiro trimestre de 2023 e, com isso, a redução acumulada nos primeiros nove meses de 2023 chegou a 0,91% (Tabelas 1 e 2). Ressalta-se que até o trimestre passado, o setor vinha em um processo de recuperação da queda observada em 2022.

O desempenho do agronegócio foi afetado pelo recuo dos preços em todos os segmentos. Como será discutido ao longo deste relatório, diversos produtos agropecuários e agroindustriais registraram reduções de preços em comparação com os primeiros nove meses de 2022. No entanto, o resultado não foi mais desfavorável devido ao desempenho de safra recorde no campo e ao crescimento na produção pecuária, laticínios e volume de abates. Esses fatores, por sua vez, resultaram em um aumento na demanda tanto para os segmentos de insumos quanto para os agrosserviços.

Entre os segmentos do setor, quando se compara o segundo e o terceiro trimestres de 2023, o PIB registrou quedas para os insumos (-7,12%), para o segmento primário (-1,84%), para as agroindústrias (-0,61%) e para os agrosserviços (-0,61%) – ver Tabela 2. O desempenho dos insumos agrícolas e pecuários foi afetado pela queda do valor bruto da produção das indústrias do segmento. Isso ocorreu, principalmente, devido à redução nos preços de fertilizantes, defensivos e rações ao longo do terceiro trimestre do ano, somadas à menor produção para defensivos e máquinas agrícolas.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, os cenários foram de redução para o agrícola (-1,05%) e para o pecuário (-2,22%) no terceiro trimestre de 2023. No ramo agrícola, o PIB recuou para os insumos (-8,46%), para a agroindústria (-0,92%) e para os agrosserviços (-0,97%) e apresentou modesto crescimento para o primário (0,79%); no ramo pecuário, observou-se um ligeiro avanço no PIB para a agroindústria (0,79%) e para os agrosserviços (0,38%), e recuou para os insumos (-3,06%) e para o primário (-6,22%) – ver Tabela 2.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-18,81	0,43	0,12	0,59	-0,91
Ramo agrícola	-21,94	4,79	-0,06	0,31	-0,38
Ramo pecuário	-8,81	-6,56	0,90	1,37	-2,29

Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-7,12	-1,84	-0,61	-0,61	-1,37
Ramo agrícola	-8,46	0,79	-0,92	-0,97	-1,05
Ramo pecuário	-3,06	-6,22	0,79	0,38	-2,22

Fonte: Cepea/USP e CNA

Já em termos acumulados, conforme mostra a Tabela 1, considerando os desempenhos os nove primeiros meses do ano, foi observada ligeira queda para o ramo agrícola (-0,38%) e redução para o pecuário (-2,29%). Nessa comparação, os agrosserviços foi o segmento que apresentou o melhor desempenho comparado aos demais, com modesta alta de 0,59%. Quando considerados os agrosserviços agrícolas, observou-se ligeiro avanço de 0,31%, inferior ao crescimento verificado para os agrosserviços pecuários, cujo avanço foi de 1,37%.

Para o PIB do segmento primário, o modesto crescimento de 0,43% nos primeiros nove meses de 2023 decorreu dos avanços da agricultura (4,79%), visto a redução da pecuária (-6,56%). No primário agrícola, o aumento do PIB refletiu principalmente as excelentes perspectivas para a safra de 2023, incluindo resultados já consolidados, como no caso da safra de soja. A expansão não foi mais expressiva devido à diminuição nos preços médios reais de importantes produtos agrícolas, como destaques para algodão, café, milho, soja e trigo. Quanto ao segmento primário da pecuária, o desempenho foi influenciado pela projeção de menor valor da produção para o ano, apesar do contexto de alívio nos custos com insumos. Essa redução no valor da produção reflete os preços mais baixos de leite, bovinos e aves de corte em comparação com os nove primeiros meses de 2022, uma vez que se projeta expansão de produção para todas as atividades pecuárias acompanhadas.

No caso do PIB do segmento agroindustrial, a estabilidade (0,12%) no acumulado de 2023 decorreu dos movimentos opostos das agroindústrias de base agrícola (-0,06%) e das de base pecuária (0,90%). Na indústria agrícola, o crescimento do PIB foi impulsionado principalmente pela redução de custos com insumos, uma vez que a produção industrial apresentou apenas um avanço modesto e os preços dos produtos diminuíram – com destaque para as quedas observadas nas indústrias de produtos de madeira, de biocombustível, de café industrializado e de óleo vegetais. Já na indústria pecuária, apesar da estimativa de maior produção de carnes para o ano, o PIB também foi impactado pelo comportamento desfavorável dos preços para as indústrias de couro e calçados, de abate e preparação carnes e pescado e de laticínios.

Por fim, os resultados dos insumos refletem os comportamentos dos ramos agrícola e pecuária. No ramo agrícola, a expressiva queda (-21,94%) acumulada decorreu do desempenho das indústrias de fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas. No ramo pecuário, a redução (-8,81%) refletiu especialmente as menores projeções para a indústria de rações.

Considerando os desempenhos do agronegócio, seus ramos e seus segmentos nos três primeiros trimestres, a Tabela 3 apresenta as estimativas para os valores monetários anuais do PIB em 2023. Com base nesse desempenho parcial, o PIB do agronegócio brasileiro pode alcançar R\$ 2,62 trilhões em 2023, sendo R\$ 1,91 trilhão no ramo agrícola e R\$ 715 bilhões no ramo pecuário (a preços do terceiro trimestre de 2023).

Considerando essa projeção e o comportamento do PIB brasileiro no período, estima-se que a participação do setor na economia fique próxima de 24,1% em 2023, abaixo dos 25,2% registrados em 2022.

Tabela 3. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do terceiro trimestre de 2023*) – observado para 2022 e estimativas para 2023 com base em informações até setembro

		PIB (em R\$ milhões reais*)		Variação anual
		2022**	2023***	(%)
Agronegócio	Insumos	190.343	144.161	-24,3
	Primário	717.679	721.749	0,6
	Agroindústria	615.827	616.808	0,2
	Agrosserviços	1.133.469	1.142.366	0,8
	Total agronegócio	2.657.317	2.625.084	-1,2
Ramo agrícola	Insumos	145.879	104.846	-28,1
	Primário	438.555	466.767	6,4
	Agroindústria	502.003	501.614	-0,1
	Agrosserviços	833.448	836.851	0,4
	Total ramo agrícola	1.919.886	1.910.078	-0,5
Ramo pecuário	Insumos	44.463	39.316	-11,6
	Primário	279.124	254.982	-8,6
	Agroindústria	113.824	115.194	1,2
	Agrosserviços	300.021	305.515	1,8
	Total ramo pecuário	737.431	715.007	-3,0

Fonte: Cepea/USP e CNA.

* Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB;

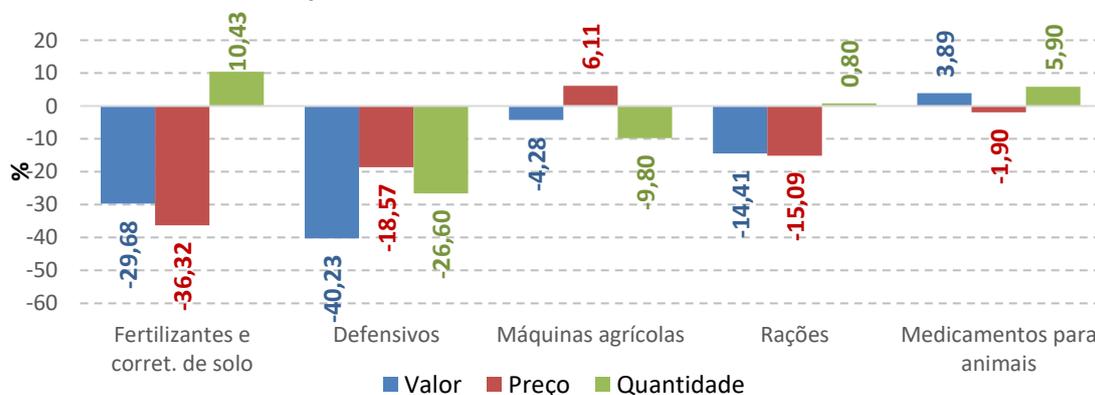
** Valores observados para 2022 considerando informações de janeiro a dezembro;

*** Valores estimados para 2023 considerando informações de janeiro a setembro.

SEGMENTO DE INSUMOS: queda do PIB se intensifica no terceiro trimestre de 2023

No terceiro trimestre de 2023, o PIB do segmento de insumos do agronegócio reduziu 7,12% (Tabela 2). No acumulado do ano, a queda foi de 18,81% (Tabela 1). O resultado reflete o desempenho das atividades do ramo pecuária, mas, principalmente, do ramo agrícola. A Figura 1 mostra o desempenho de cada uma das atividades que compõem o segmento.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2023/2022 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

No caso da indústria de defensivos, a projeção indica queda de 40,23% do valor bruto da produção anual, em razão da queda de 18,57% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e da redução de 26,60% da produção nacional. É interessante mencionar que, em 2022, os preços dos defensivos atingiram patamares elevados no primeiro semestre e, a partir de então, seguiram movimento de sucessivas quedas. Este desempenho está atrelado à conjunção de estoques altos e vendas lentas. Em relação ao último fator, relaciona-se à cautela por parte dos produtores diante da perspectiva de margens apertadas e incertezas em relação ao plantio da próxima safra – embora a queda dos preços dos insumos represente um alívio para os custos de produção, as cotações de importantes commodities, como milho e soja, recuaram de maneira expressiva ao longo deste ano.

No caso da indústria de máquinas agrícolas, a projeção indica queda do valor bruto de produção anual (-4,28%), resultante da queda da produção anual esperada (-9,80%). Em contrapartida, houve valorização dos preços reais na comparação entre períodos iguais (6,11%). Em relação ao último relatório, houve reajuste para baixo na projeção do valor de produção da indústria, em razão da pressão sobre os preços. Conforme especialistas do setor, nos últimos anos, em meio ao contexto de escassez de componentes e demanda aquecida, os preços cresceram sobremaneira. Desde o início deste ano, porém, houve reversão neste comportamento, observando-se uma tendência de baixa, o que pode ser explicado por uma conjunção de fatores: o aumento das vendas de máquinas e tratores usados, o comportamento cauteloso do produtor em relação às incertezas – seja em relação ao clima adverso ou à sua rentabilidade, diante da desvalorização das commodities e os altos patamares da taxa de juros. Esses fatores contribuem, também, para explicar a redução esperada para a produção anual. Em adição, conforme pontua a Anfavea, pontua-se a perda de dinamismo da Argentina, importante destino das exportações brasileiras de máquinas agrícolas – o que, *per se*, ajuda a explicar a queda dos preços.

Para a indústria de rações, é esperada redução do valor bruto da produção anual (-14,41%), como resultado dos recuos dos preços reais (-15,09%), na comparação entre períodos iguais, frente ao ligeiro aumento da produção esperada (0,80%). A diminuição dos preços das rações destinadas à produção de proteína animal está relacionada à significativa queda nos preços da soja e do milho, que são ingredientes essenciais. Em relação à produção, conforme indica o Sindirações, apesar da expectativa de crescimento da produção anual da indústria de ração animal, influenciado pelo crescimento da produção pecuária – o que é confirmado pelos dados do IBGE –, entende-se que o resultado estará aquém do esperado no início do ano, devido a alguns fatores como o aumento dos custos do setor suíno e a menor procura por parte do segmento de produção leiteira, que enfrentou forte concorrência dos produtos importados.

Em geral, o desempenho das atividades que compõem o segmento de insumos está diretamente relacionado às atividades do segmento primário, que serão analisadas detalhadamente a seguir. Em relação aos insumos agrícolas, com exceção da indústria de máquinas agrícolas, verificou-se queda nos preços reais, o que poderia representar um afrouxamento dos custos de produção dos agricultores e uma melhora nos termos de troca. Contudo, este cenário não é necessariamente verificado, em especial nos casos de commodities cujos preços sofreram desvalorizações importantes. No caso dos insumos pecuários, especialmente no que se refere às rações para animais, a redução dos preços pode representar um alívio para os custos dos pecuaristas, sobretudo daquelas atividades que tem sido, há um tempo, afetadas pelas altas dos custos com alimentação animal, entretanto é importante se considerar as desvalorizações observadas em algumas atividades, como a bovinocultura de corte e de leite e a avicultura.

SEGMENTO PRIMÁRIO: pressionado pelas quedas nos preços, PIB agrícola apresenta modesto crescimento nos primeiros nove meses de 2023

Com recuo de 1,84% no terceiro trimestre do ano, o PIB do segmento primário do agronegócio acumulou modesto crescimento de 0,43% no acumulado do ano. Esse resultado reflete o que se observa para o segmento primário pecuária: retração de 6,22% no terceiro trimestre, resultando em queda acumulada de 6,56% no período de janeiro a setembro. Já para o segmento primário agrícola, o PIB cresceu ligeiros 0,79% no terceiro trimestre, mas ainda acumula crescimento de 4,79% na parcial do ano (Tabelas 1 e 2).

No ramo agrícola, apesar da queda nos preços de muitos produtos relevantes no PIB, o crescimento foi sustentado pela expectativa de uma safra recorde de grãos, destacando-se especialmente a soja e milho, juntamente com o aumento esperado na produção de vários outros produtos agrícolas, como será detalhado nas análises subsequentes. Além disso, a diminuição nos custos com insumos, ocasionada pela queda nos preços dos fertilizantes, defensivos e combustíveis, contribuiu para impulsionar o desempenho do campo. No ramo pecuário, apesar da diminuição nos custos com insumos, se projeta uma queda no valor bruto da produção real em 2023. A perspectiva é de um aumento na produção e oferta pecuária, entretanto, os preços mais baixos de bovinos e aves para corte e do leite estão exercendo pressão sobre a expectativa do valor bruto da produção.

Especificamente, para o segmento primário agrícola, ao considerar a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, se projeta uma redução de 6,33% no valor bruto da produção anual. No entanto, o crescimento do PIB renda é mantido devido à diminuição dos custos com insumos. Dentro desse segmento, considerando também a média ponderada das atividades acompanhadas, observa-se uma diminuição de 18,5% nos preços acumulados ao longo de 2023 em comparação com o mesmo período de 2022, enquanto a produção esperada para o ano apresenta um aumento de 14,93%. As principais altas na produção são para algodão, milho, soja, café e cana-de-açúcar. Por outro lado, as principais quedas nos preços são para algodão, cana-de-açúcar, café, milho, soja e trigo.

No segmento primário pecuário, espera-se redução de 8,95% no valor bruto da produção anual. Ao longo dos primeiros nove meses de 2023, os preços, em média, apresentaram queda de 14,02% em relação ao mesmo período de 2022, sendo influenciados pelas atividades bovinos, leite e aves. Para a produção da pecuária, a média ponderada indica avanço de 5,90%, com resultados positivos para bovinos, aves, leite, ovos e suínos.

A Tabela 4 e a Figura 2 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do valor bruto da produção em 2023 para: arroz, cacau, cana-de-açúcar, fumo, laranja, mandioca, uva, lenha e carvão e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no valor bruto da produção são: algodão, banana, batata, café, feijão, milho, soja, tomate, trigo e madeira em tora.

Na cultura do arroz, a expansão esperada do valor bruto da produção (8,27%) esteve atrelada às maiores cotações do produto (16,45%) na comparação de janeiro a setembro de 2022 e de 2023, dado a menor produção (-7,02%) – configurando-se na menor safra dos últimos 26 anos. De acordo com a Conab, a diminuição na produção de arroz foi provocada pela redução da área destinada ao cultivo, tanto irrigado quanto de sequeiro. Esse cenário foi predominantemente influenciado pelos custos elevados de produção e pela preferência por cultivos concorrentes, como milho e soja. Apesar disso, a Companhia observou um aumento na produtividade da cultura, embora tenha ficado aquém de seu potencial. É importante ressaltar que, em alguns municípios, a aplicação eficiente da tecnologia resultou em níveis significativamente elevados de produtividade. No que diz respeito aos preços, durante o primeiro semestre de 2023, observou-se uma tendência de queda, porém ocorreu uma reversão desse movimento no terceiro trimestre do ano. Mesmo assim, as cotações permaneceram acima dos valores registrados no mesmo período de 2022. Segundo a equipe Arroz/Cepea, a

valorização na comparação interanual é devida, especialmente, à baixa produção na safra 2022/23. Além disso, a elevada paridade de exportação contribuiu para esse cenário. Com preços de exportação mais atrativos, os compradores do mercado interno se viram obrigados a oferecer valores mais elevados para adquirir o produto e repor os estoques. No primeiro trimestre do ano, como é comum nesse período, observou-se uma queda nos preços devido à colheita nas principais regiões produtoras do Mercosul. No segundo trimestre, acentuou-se a tendência de baixa devido a variações na demanda por arroz em casca e beneficiado. As unidades de beneficiamento, diante desses desafios na comercialização e na manutenção dos preços nos grandes centros consumidores, optaram por esgotar seus estoques antes de adquirir novos lotes do produto. Já no terceiro trimestre, as cotações do arroz apresentaram uma elevação expressiva devido aos aumentos relacionados à forte demanda, tanto no mercado interno quanto para exportação, à menor oferta e à restrição vendedora.

No caso da cana-de-açúcar, a projeção de crescimento do valor bruto de produção (5,25%) para 2023 reflete a maior produção esperada para o ano (10,94%), visto os menores preços reais (-5,13%), na comparação entre janeiro a setembro de 2023 frente ao mesmo período de 2022. De acordo com a Conab, a maior produção decorre das boas perspectivas sobre a produtividade na maior parte das regiões produtoras, dado o modesto aumento da área destinada à cultura. Segundo a Companhia, as condições climáticas têm se mostrado mais favoráveis em comparação com a safra anterior. Com relação aos preços, a queda deve refletir os recuos observados para o etanol, conforme será discutido na seção sobre a agroindústria deste relatório.

Para a cultura da laranja, o crescimento do valor bruto da produção esperado (19,30%) é reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre períodos iguais (28,75%), dada a projeção de queda na produção anual (7,33%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os preços apresentaram comportamentos divergentes ao longo dos três primeiros trimestres do ano, entretanto, operaram acima do observado em 2022. No primeiro trimestre, observou-se uma tendência altista como consequência tanto da oferta restrita, resultante das elevadas temperaturas, quanto da expansão de demanda. No segundo trimestre, houve um recuo das cotações devido ao início da colheita das variedades precoces da nova safra e ao processamento ainda lento nesse período. Apesar desse movimento de desvalorização ser característico do período, foi mais moderado em 2023, devido à elevada demanda industrial por matéria-prima, que se encontravam com baixos estoques de suco de laranja. Já no terceiro trimestre, os preços voltaram a crescer em razão da baixa oferta e do aquecimento da demanda pela fruta - industrial e mercado *in natura*.

Com relação à cultura do algodão, a queda do valor bruto da produção anual esperado (-25,19%) decorre dos menores preços reais do produto (-38,98%), na comparação entre períodos iguais, uma vez que se observa uma maior produção em 2023 (22,59%). Segundo a Conab, o volume colhido no Brasil se configura como a maior safra da história. O crescimento da produção reflete os avanços da área e da produtividade. A Companhia destaca que o ganho de produtividade se deve tanto às condições climáticas favoráveis, que proporcionaram um bom desenvolvimento da cultura e contribuíram para a colheita do produto, quanto à implementação e aprimoramento de tecnologias da produção de algodão. Segundo a equipe Algodão/Cepea, o primeiro trimestre foi marcado por pressões negativas nas cotações, devido ao excesso de oferta no mercado brasileiro e às incertezas no cenário internacional, que limitaram as vendas de manufaturados, impactando o ritmo de produção tanto das indústrias têxteis nacionais quanto internacionais. No segundo trimestre, os preços do algodão continuaram em queda, retornando aos níveis observados em outubro de 2020. Além do excedente significativo da safra anterior, que persistiu no segundo trimestre, a pressão sobre os preços também foi agravada pela queda no valor internacional da pluma, pela valorização do Real frente ao dólar e pela demanda enfraquecida. Além disso, as perspectivas de uma safra abundante em 2023 contribuíram para essa tendência de queda. No terceiro trimestre de 2023, os preços do algodão voltaram a crescer, apesar do avanço da colheita e do beneficiamento. A reação se deveu às valorizações

internacionais, ao bom ritmo de exportação – de acordo com a Secex, o volume de setembro de 2023 é o maior desde novembro de 2022 - e, sobretudo, ao fato de agentes estarem focados no cumprimento de contratos a termo aos mercados doméstico e externo. A equipe destaca que, no mês de julho, os preços internos ficaram inferiores à paridade de exportação, o que não é comum.

No caso da banana, a queda projetada no valor bruto da produção (-7,18%), resultou dos preços reais menores (-6,51%), na comparação entre janeiro a setembro de 2022 e de 2023, visto a estabilidade da produção anual esperada (-0,71%). De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, as cotações da banana foram oscilaram no período analisado. No primeiro trimestre, observou-se uma retração do preço médio de comercialização devido ao aumento da oferta. Até meados daquele trimestre, os bananais das principais regiões produtoras (Norte de Santa Catarina e Vale do Ribeira em São Paulo) estavam se recuperando das perdas dos dois últimos anos, decorrentes de entraves climáticos – vale destacar que, mesmo assim, o volume colhido nos primeiros meses de 2023 ainda esteve longe do seu potencial. A partir do segundo trimestre, houve aumento nos preços devido à maior demanda pela fruta e à baixa oferta em âmbito nacional, resultado das condições climáticas adversas – que também afetaram a qualidade das bananas.

Para a batata, os menores preços reais (-15,65%) na comparação entre períodos iguais explicam a redução projetada para o valor bruto de produção real (-11,63%), uma vez que se espera uma maior produção anual (4,76%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a recuperação da oferta do tubérculo observada no início do ano promoveu o recuo dos preços médios de comercialização da batata ao longo do primeiro trimestre do ano. No segundo trimestre, as cotações apresentaram alta, visto que, como esperado pelo setor, a oferta de batata se reduziu devido ao encerramento da safra das águas, em maio, e a bataticultura nacional praticamente entrou em período de entressafra. Já no terceiro trimestre, a maior oferta nacional, dada a intensificação da safra de inverno, pressionou as cotações. A equipe destaca que as condições climáticas favoreceram a colheita, o controle fitossanitário e o bom desenvolvimento das lavouras de inverno.

Na cultura do café, a redução esperada no valor bruto da produção é de 24,75%, pressionada pela queda de 30,43% nos preços reais, na comparação entre janeiro a setembro de 2022 e de 2023, uma vez que se observa uma produção anual 8,15% maior. De acordo com a Conab, o aumento na produção é resultado da expansão tanto da área cultivada quanto da produtividade, favorecida por condições climáticas mais favoráveis, mesmo em um ano de bialidade negativa. A Companhia destaca que a safra de 2022, marcada por bialidade positiva, enfrentou desafios relacionados a condições climáticas adversas em várias regiões produtoras do país. Isso envolveu baixos índices pluviométricos, longos períodos de estiagem e temperaturas acima da média, que ocorreram ao longo do ciclo de desenvolvimento da safra. Em comparação com a safra de 2021, também um ano de bialidade negativa, o resultado da atual safra apresenta um aumento significativo de 15,38%. Com relação aos preços, a equipe Café/Cepea evidencia que os nove primeiros meses deste ano foram marcados pela baixa liquidez no mercado cafeeiro nacional devido, principalmente, à redução significativa nas cotações do grão. No primeiro trimestre, a queda nos preços só não foi maior em função das incertezas sobre a produção da nova safra no período, em especial, em relação à safra do conilon no Espírito Santo. O segundo trimestre foi marcado pela dificuldade na realização de negócios, mesmo com o início da colheita. A redução no preço do grão manteve grande parte dos cafeicultores afastada do mercado *spot* nacional. Esta queda esteve diretamente ligada à expectativa de recuperação na oferta de arábica da safra 2023-2024, após as quebras de produção nos anos anteriores. No terceiro trimestre, as cotações continuaram na tendência de baixa, alcançando os mais baixos patamares nominais desde maio de 2021. A pressão nesse período se deveu ao avanço da colheita no Brasil e das perspectivas de boa oferta de curto prazo. Ademais, a equipe destaca que mesmo com o aumento da oferta, a liquidez seguiu baixa, tanto no mercado doméstico quanto para exportação.

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2023/2022 com informações até setembro

Produtos	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-25,19	-38,98	22,59
Arroz	8,27	16,45	-7,02
Banana	-7,18	-6,51	-0,71
Batata	-11,63	-15,65	4,76
Cacau	13,53	16,32	-2,40
Café	-24,75	-30,43	8,15
Cana	5,25	-5,13	10,94
Feijão	-2,87	-4,52	1,73
Fumo	40,79	34,92	4,35
Laranja	19,30	28,75	-7,33
Mandioca	3,96	-0,22	4,18
Milho	-18,12	-29,70	16,47
Soja	-8,00	-25,29	23,14
Tomate	-4,97	-5,00	0,03
Trigo	-33,83	-27,51	-8,73
Uva	36,95	22,43	11,86
Madeira tora*	-3,01	16,85	-17,00
Madeira p/ Celulose	10,69	14,12	-3,00
Lenha/carvão	57,35	49,29	5,40

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

No que se refere ao milho, o menor valor bruto da produção esperado (-18,12%) reflete a queda nos preços reais (-29,70%), na comparação entre períodos iguais, visto o crescimento esperado para a produção anual (16,47%). Segundo a Conab, o aumento da produção decorre da expansão da área destinada à cultura e do crescimento da produtividade, especialmente da segunda safra. Na primeira safra, na maioria das regiões produtoras, as produtividades obtidas superaram as da safra 2021/22 – reflexo das condições climáticas favoráveis aliadas ao investimento em tecnologia feito pelos agricultores, sendo o destaque negativo o Rio Grande do Sul (impactado pelo La Niña). Quanto à área da primeira safra, houve redução – corroborando a tendência de queda no cultivo do milho no verão, devido à opção dos produtores pela soja. Com relação à segunda safra, tanto área quanto produção foram recordes. Apesar do plantio ter sido realizado tardiamente em várias regiões, as condições climáticas favoráveis proporcionaram um suprimento adequado de água para as plantações, com as produtividades ultrapassando as alcançadas na safra 2021/22 – em alguns dos estados foram estabelecidos novos recordes históricos. Para a terceira safra, com a colheita já iniciada, as atenções se voltam para o comportamento climático das regiões produtoras. Nesta, de acordo com a Companhia, a estimativa é de redução da área semeada em decorrência do aumento do custo de produção, mas acréscimo na produtividade esperada em virtude da permanência ou inclusão de produtores mais tecnificados. Com relação aos preços, a equipe Milho/Cepea evidencia a pressão negativa nas cotações no primeiro trimestre do ano decorrente da maior oferta da safra de verão, dos bons estoques de passagem, da menor paridade de exportação, da expectativa de uma nova oferta recorde para 2023 e da demanda doméstica menos aquecida. No segundo trimestre também se observou queda dos preços, influenciada pelo avanço da colheita da segunda safra e pelas estimativas oficiais indicando produção recorde na safra 2022-2023. Ademais, a perspectiva de oferta elevada nos Estados Unidos e a maior disponibilidade do cereal

no mercado doméstico pressionaram os preços nos portos brasileiros e, conseqüentemente, nas regiões no interior do país. Durante a maior parte do terceiro trimestre, os preços do grão mantiveram-se em queda, influenciada pelo avanço da colheita e pelas baixas no mercado internacional. A equipe destaca que a diminuição não foi mais acentuada devido à reação das cotações em setembro. O suporte veio do ritmo aquecido das exportações do cereal e do aumento das cotações nos portos, em resposta às valorizações externas durante parte do mês, além das flutuações do dólar.

Para a soja, a queda projetada no valor bruto da produção é de 8,00%, o que resultou dos preços reais 25,29% menores na comparação entre períodos iguais. Para a produção, há um aumento de 23,14% na atual safra, configurando-se uma safra recorde. Segundo a Conab, o crescimento está atrelado aos aumentos da área destinada à cultura e da produtividade, que registrou recordes. As boas produtividades em praticamente todas as regiões foram favorecidas pela alta tecnologia empregada pelos produtores e pelas boas condições climáticas durante o desenvolvimento das lavouras, com exceção do Rio Grande do Sul, cuja produção foi fortemente impactada pela estiagem em regiões produtoras do noroeste e do centro do estado. Com relação aos preços, conforme apontado pela equipe Soja/Cepea, devido às negociações em ritmo controlado no início deste ano, as cotações vinham sendo seguradas. Contudo, a partir de março, com o avanço da colheita, a oferta se elevou e, conseqüentemente, as cotações da soja iniciaram movimento de queda. Adicionalmente, no primeiro trimestre do ano, os prêmios de exportações – com base no porto de Paranaguá – atingiram os menores patamares para o período, considerando a série histórica do Cepea iniciada em 2004. Seguindo a tendência baixista, no segundo trimestre, os preços da soja voltaram a operar nos níveis de 2020, o que se pode atribuir aos elevados volumes de estoques e à safra recorde do País, que garantiram que, mesmo com a demanda aquecida, a oferta se sobressaísse. Além destes fatores, a queda dos prêmios de exportação, bem como a valorização do Real frente ao dólar contribuíram para a pressão sobre as cotações da oleaginosa. No *front* externo, embora as embarcações estejam em ritmo acelerado neste ano, em junho, o preço recebido atingiu o menor patamar dos últimos dois anos. No terceiro trimestre, a desvalorização do Real frente ao dólar, a maior demanda externa pela soja do Brasil, a disputa entre compradores domésticos e externos e a retração de parte dos sojicultores brasileiros impulsionaram as cotações da oleaginosa. A equipe ressalta que os maiores fluxos de soja e de milho resultaram em aumentos nos preços do frete e redução da disponibilidade de cotas nos portos nacionais. Adicionalmente, o Brasil exportou 87,25 milhões de toneladas na parcial deste ano (de janeiro a setembro), volume este que se destaca mesmo quando comparado ao acumulado de janeiro a dezembro em anos anteriores. No *front* externo, os preços caíram devido à proximidade da colheita da safra 2023/24 e à valorização do dólar, que desfavorece as negociações de soja nos Estados Unidos. No entanto, a piora das condições das lavouras e a firme demanda pelo grão norte-americano limitaram as baixas.

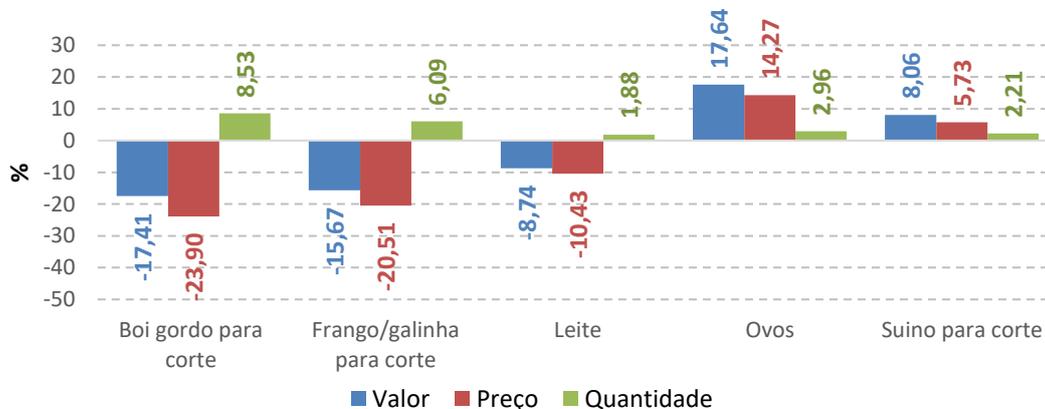
No caso do tomate, a redução de 4,97% esperada no valor bruto da produção é resultado dos preços reais 5,00% menores, na comparação entre períodos iguais, dado a estabilidade projetada na produção anual (0,03%). Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram pressionados pela intensificação da colheita da safra verão; entretanto, devido a intempéries climáticas e impactos de doenças ocorridas em algumas praças, o volume ofertado ficou aquém do esperado e impediu uma queda ainda maior dos preços. Em março e abril, devido à redução oferta atrelada à proximidade do final da safra de verão e ao início ainda lento da temporada de inverno, houve elevação dos preços. Em maio e junho, as regiões produtoras da safra de inverno intensificaram a colheita, como já esperado, pressionando as cotações do fruto. No terceiro trimestre, as cotações se elevaram à medida em que muitas as praças caminhavam para o fim da colheita da safra de inverno, restringindo a oferta do fruto.

Para o trigo, as reduções dos preços na comparação entre janeiro a setembro de 2022 e de 2023 (-27,51%) e da produção anual esperada (-8,73%) explicam a projeção de queda do valor bruto da produção anual (-33,83%). De acordo com a Conab, a menor produção reflete a

redução da produtividade, sendo considerado o comportamento histórico normal para a cultura. Por outro lado, há uma maior área cultivada, atribuída a um conjunto de fatores: atraso da semeadura do milho segunda safra e consequente perda da janela ideal; expansão da cultura na Bahia – estimulada pela organização da cadeia produtiva do trigo no estado e pela construção de um moinho de beneficiamento; bom nível de retorno ao risco apresentado pela cultura; e o fato de a janela de plantio ser mais tardia, o que permite ao produtor conciliar a produção de trigo com outras culturas. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea evidencia que a queda no primeiro trimestre do ano se deveu à baixa demanda – moinhos aparentaram estar abastecidos e as vendas dos derivados estiveram fracas – e à elevada disponibilidade, após a colheita da safra recorde no país em 2022 e a disponibilização de muitos lotes do cereal no mercado *spot* nacional por conta da necessidade de liberar espaço nos armazéns para entrada da safra verão. No segundo trimestre, os preços seguiram influenciados pela elevada disponibilidade de trigo no país, pela compra pontual por parte de moinhos e pela expectativa de boa safra. Além disso, houve pressão do aumento das estimativas de produção na Rússia e, principalmente, da renovação – em maio – do acordo de exportação de grãos pelo Mar Negro entre Rússia e Ucrânia. No terceiro trimestre, houve queda nas cotações do trigo devido à desvalorização externa do cereal, à demanda enfraquecida e à maior disponibilidade de trigo no País, diante do avanço da colheita.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Enquanto a bovinocultura para corte, a avicultura para corte e a bovinocultura para leite apresentaram projeções de queda do valor bruto da produção anual, a avicultura de postura e a suinocultura para corte apresentaram projeções de crescimento. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

No caso da bovinocultura para corte, na comparação ente períodos iguais, houve queda de 23,90% dos preços reais. Dessa forma, ainda que com crescimento de 8,53% da produção anual esperada, a projeção indica queda de 17,41% do valor bruto de produção anual. A oferta de animais para abate expandiu consideravelmente neste ano. Segundo a equipe Boi/Cepea, este incremento se deveu a uma conjunção de fatores, que vão desde o emprego de tecnologias no processo produtivo, que possibilitaram os ganhos de produtividade na atividade até o aumento do número de abates de fêmeas, como parte das flutuações de oferta do chamado ciclo pecuário. Esses movimentos se refletem diretamente no preço da arroba bovina, que tem apresentado tendência de queda desde o último ano. No trimestre analisado, especificamente, outros fatores contribuíram para a intensificação da queda dos preços, quando se consideram os preços nominais. Em julho, por exemplo, houve forte retração dos embarques de carne

bovina, em resposta à conjuntura mundial restritiva; em agosto, a procura por novos lotes de animais por parte dos frigoríficos esteve enfraquecida devido ao alongamento das escalas de abate e à redução dos preços de negociação com os compradores chineses. Ademais, conforme tem sido destacado em relatórios anteriores, desde 2022, o consumo interno de carne bovina tem estado enfraquecido em função da perda de poder de compra da população brasileira. Apesar disso, bovinocultores têm experienciado algum alívio da pressão dos custos de produção em virtude do recuo dos custos, em especial da redução dos preços de insumos para suplementação e dieta dos animais.

Quanto à bovinocultura para leite, a projeção indica retração de 8,74% do valor bruto de produção anual. O resultado reflete o recuo de 10,43% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, uma vez que a produção anual esperada está 1,88% maior. Em relação ao relatório anterior, verificou-se mudança importante na projeção para a atividade, para a qual esperava-se, na ocasião, crescimento do valor bruto de produção. Essa mudança se deve à reversão observada no comportamento dos preços do leite captado no campo a partir de meados do segundo trimestre, e que se intensificaram ao longo do terceiro, a despeito do período de entressafra no Sudeste e no Centro-Oeste, quando a disponibilidade de leite tende a reduzir. De acordo com a equipe Leite/Cepea, essa desvalorização, que se observa ao longo de toda a cadeia produtiva, é justificada pelo consumo enfraquecido, pelo aumento da oferta de leite no campo e, principalmente, pelo aumento das importações de laticínios, que seguem em altos patamares em função da competitividade dos produtos internacionais. Esse cenário passou a gerar preocupações no setor, uma vez que a tendência de queda dos custos de produção fora interrompida, o que se traduz em margens espremidas e, conseqüentemente, investimentos de curto prazo na atividade comprometidos, o que poderia representar um risco para o potencial de oferta nacional.

Para a avicultura para corte, projeta-se retração de 15,67% do valor bruto de produção, como reflexo da queda de 20,21% dos preços reais na comparação entre períodos iguais. Para a produção é esperado crescimento anual de 6,09%. Ao longo deste ano, os preços do frango vivo estiverem em patamares abaixo daqueles observados em 2022 – em termos nominais, as médias mensais de 2023 não alcançaram o patamar de dezembro passado. Esse comportamento está atrelado sobremaneira ao crescimento da oferta de animais – e, conseqüentemente, da proteína –; e, em alguns momentos, ao enfraquecimento da demanda interna e/ou externa. Após forte recuo dos preços observado entre junho e julho, os produtores optaram por reajustar a produção de animais, de modo a reduzir a oferta, e então provocar reação nos preços. Como resultado, em agosto e em setembro verificaram-se reações fortes dos preços, potencializadas pela recuperação da demanda interna.

Para a avicultura de postura, a projeção indica crescimento de 17,64% do valor bruto de produção anual, devido à alta de 14,27% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e aumento de 2,96% da produção esperada para este ano. Em relação ao último relatório, verificou-se retração na projeção devido à queda dos preços observada nos últimos meses. Conforme a equipe Ovos/Cepea, ao longo do terceiro trimestre, as cotações foram pressionadas pela demanda enfraquecida na maioria das regiões. Em agosto, os preços atingiram os menores patamares desde janeiro, em termos nominais, o que ensejou a realização de promoções e concessão de descontos por parte dos produtores, a fim de reduzir a oferta e normalizar os níveis de estoques, que se encontravam elevados. Entretanto, essas estratégias não foram suficientes para elevar a liquidez no mercado, que seguiu em baixa ainda em setembro.

Para a suinocultura é esperado crescimento do valor bruto de produção (8,06%), como resultado tanto da alta dos preços reais (5,73%), na comparação entre períodos iguais, quanto da produção anual esperada (2,21%). Comparado ao anterior, a projeção de crescimento do valor bruto de produção anual atividade está menor otimista neste relatório, pois os preços reais do terceiro trimestre de 2023 cresceram em ritmo menos acelerado do que em 2022, embora suficientemente para sustentar a projeção de crescimento. Em julho, os preços avançaram de maneira importante em resposta à intensificação da procura pela carne – especialmente na

primeira quinzena, quando costuma haver um incremento na demanda. Em agosto, no entanto, os preços perderam dinamismo e encerraram o mês em queda, devido à perda de competitividade da carne suína em relação à bovina. Porém, em setembro, houve aquecimento da demanda suficientemente para recuperar a queda do mês anterior. Ademais, ao longo de todo o ano, as exportações de carne suína têm se mantido aquecidas, o que tem contribuído para o desempenho da atividade. Em setembro, pelo sétimo mês consecutivo, os embarques mensais superaram a marca de 100 mil toneladas, além de ter registrado a segunda maior média diária de embarques da série histórica da Secex, iniciada em 1997.

SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria apresenta modesto crescimento nos primeiros nove meses do ano, pressionada por preços menores

O PIB da agroindústria brasileira teve retração de 0,61% no terceiro trimestre; acumulando modesto avanço de 0,12% nos primeiros nove meses do ano (Tabelas 1 e 2). Para a indústria de base agrícola, a queda de 0,92% do PIB no terceiro trimestre resultou na estabilidade de -0,06% no acumulado de 2023. Para a indústria de base pecuária, o PIB avançou 0,79% no terceiro trimestre, acumulando alta 0,90% no ano.

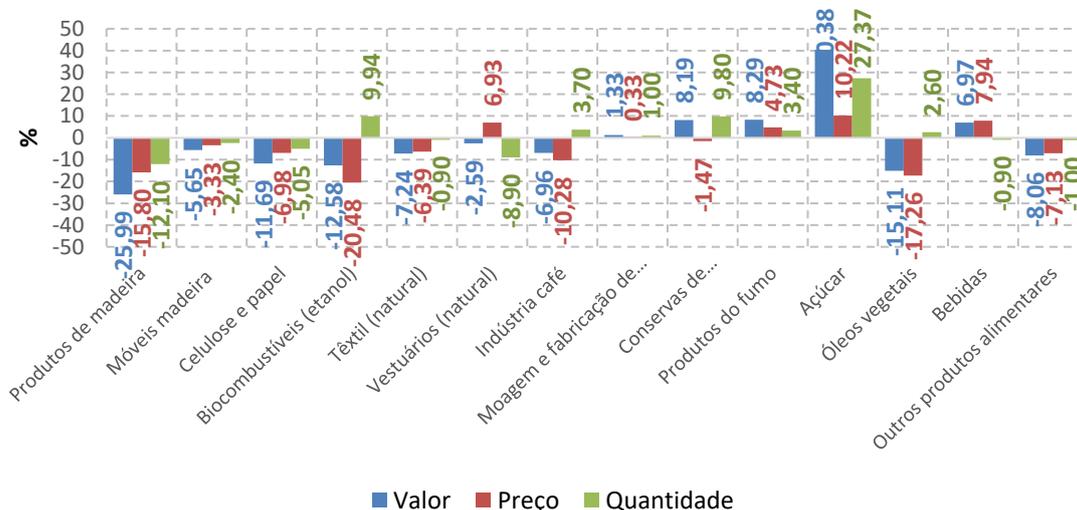
Na indústria agrícola, a estabilidade do PIB foi sustentada principalmente pela redução de custos com insumos, uma vez que a produção industrial apresentou apenas um avanço modesto e os preços dos produtos diminuíram. Especificamente em relação ao valor bruto da produção, espera-se uma queda de 4,80% no ano, com preços médios 6,63% inferiores e uma projeção de aumento de 1,95% na produção, em média, para o segmento. Já na indústria pecuária, apesar da estimativa de maior produção de carnes para o ano, o PIB também foi impactado pelo comportamento desfavorável dos preços. Nesse contexto, a queda prevista no valor bruto da produção anual é de 8,38%, com preços 13,48% menores e um aumento médio de 5,89% na produção para o segmento.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do valor bruto da produção em 2023 são, apenas: bebidas, moagem e fabricação de amiláceos, produtos do fumo, açúcar e conservas de frutas, legumes e outros vegetais. Já para as indústrias de produtos e móveis de madeira, biocombustíveis, celulose e papel, óleos vegetais, têxteis e vestuários, indústria do café e outros produtos alimentares espera-se queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a expansão esperada de 40,38% no valor bruto da produção anual é resultado tanto da maior produção esperada 27,37% quanto dos preços 10,22% maiores na comparação entre períodos iguais. De acordo com a Conab, tem havido maior direcionamento de Açúcar Total Recuperável (ATR) para a produção de açúcar. Esse cenário é motivado tanto pela necessidade dos fabricantes de cumprir contratos previamente negociados como pela redução da competitividade do etanol em relação à gasolina na maioria dos estados brasileiros. Adicionalmente, a demanda externa permanece aquecida devido à dificuldade dos principais países concorrentes (Índia, Tailândia e Austrália) em aumentar suas ofertas. Todos esses fatores contribuem para tornar a produção do adoçante mais atrativa. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços caíram devido à baixa demanda – muitos compradores estavam abastecidos para o período, por meio de estoques ou recebendo o açúcar contratado anteriormente –, enquanto a oferta de açúcar disponível para vendas adicionais foi limitada, especialmente para os tipos de melhor qualidade. No mercado internacional, os valores do demerara mantiveram-se fortalecidos no período, com perspectiva de baixa oferta mundial no curto prazo. A Índia e a União Europeia devem produzir menos açúcar que o indicado nas projeções iniciais, enquanto a demanda por açúcar da China deve se recuperar. Já no segundo trimestre, as cotações foram impulsionadas pela baixa disponibilidade do açúcar no mercado *spot* – mesmo que a demanda não tenha sido aquecida –, e o ritmo lento das negociações. No

terceiro trimestre, mesmo em meio à boa evolução da safra 2023/24 e com a maior produção de açúcar, se observou alta nos preços *commodity*. Esse comportamento é atribuído à postura mais firme das usinas, tendo em vista a maior remuneração no mercado internacional. As exportações de açúcar estiveram aquecidas, com rentabilidade superior à do mercado interno.

Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Com relação à produção de biocombustíveis, o menor valor bruto da produção esperado (-12,58%) decorre dos preços reais menores, na comparação entre janeiro a setembro de 2022 e 2023 (-20,48%), contrapondo-se ao aumento esperado na produção anual (9,94%). Conforme apontado pela Conab, o aumento da produção ocorre mesmo diante da preferência das usinas pela fabricação de açúcar. No entanto, é relevante ressaltar que o principal impulsionador desse aumento é o etanol de milho, com uma estimativa de acréscimo na produção de 36,3%. Segundo a equipe Etanol/Cepea, no primeiro trimestre, embora caracterizado pela entressafra, os preços experimentaram declínios devido à reduzida liquidez, resultante da diferença absoluta, ainda que pequena, de preços da gasolina C e do etanol hidratado. Essa situação colocou o biocombustível em desvantagem nas bombas. O segundo trimestre foi marcado por flutuações nos volumes negociados e nos preços devido às variações na demanda e nas condições climáticas e mudanças tributárias. Em abril e maio, os preços foram impulsionados pela combinação de demanda aquecida – vantagem comparativa de preços da gasolina C frente ao de etanol hidratado nas bombas das principais cidades e mudança tributário para o regime monofásico –, e da oferta limitada, que se deveu aos baixos estoques e aos impactos das chuvas nas usinas. Por fim, em junho, os preços foram pressionados pelo menor volume negociado – reflexo da expectativa de aumento nos impostos, mudanças nas alíquotas de ICMS e redução do preço da gasolina nas refinarias. No terceiro trimestre, houve desvalorização das cotações devido mesmo em um cenário de vantagem de preços do biocombustível sobre a gasolina C, movimento iniciado em finais de junho. A queda de preço foi atribuída ao bom desempenho da produção de etanol na temporada atual e ao consequente aumento da oferta. Além disso, a demora dos compradores em retornar ao uso do biocombustível também contribuiu para essa tendência de desvalorização.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção esperada (-15,11%) reflete as quedas nos preços reais (-17,26%) na comparação entre janeiro a setembro de 2022 e de 2023, uma vez que se projeta crescimento na produção (2,60%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços dos derivados caíram no Brasil, pressionados pela baixa demanda, sobretudo, doméstica. Consumidores de óleo de soja

estavam afastados do mercado, com dificuldades em obter margem de lucro ao repassar o preço para o produto refinado. Além disso, parte das indústrias alimentícias indicava estar abastecida para médio prazo. O enfraquecimento da demanda pelo setor de biodiesel também pressionou as cotações. Entretanto, o movimento de baixa foi limitado por expectativas de maior demanda futura para a produção de biodiesel. No segundo trimestre, os preços continuaram apresentando tendência de baixa, pressionados pela demanda enfraquecida (externa e doméstica) e pelo menor custo com a matéria-prima. Nesse período, algumas indústrias brasileiras até limitaram a oferta do derivado, na expectativa de demanda externa mais aquecida nos meses subsequentes, fundamentada na menor produção na Argentina. No terceiro trimestre, houve uma valorização diante da firme demanda global e do setor industrial e da elevação do preço do petróleo, uma vez que aumenta o incentivo na mistura do biodiesel ao óleo diesel (o óleo de soja é a principal matéria-prima na produção de biodiesel nos Estados Unidos e no Brasil).

A Tabela 5 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Conforme se observa, todas as atividades apresentaram projeção de queda do valor bruto da produção para este ano.

Tabela 5. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até setembro

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-4,87	-9,44	-4,70
Preço	-1,32	-15,67	-5,83
Quantidade	-3,60	7,50	1,20

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

Para a indústria de abate e preparação de carnes e pescados é esperada queda de 9,44% do valor bruto de produção anual, o que se atribui à retração de 15,67% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, uma vez que se espera aumento de 7,50% da produção anual. O resultado reflete sobremaneira o desempenho das atividades correspondentes do segmento primário, cujos preços estão em patamares consideravelmente abaixo daqueles praticados no mesmo período do ano anterior, como no caso da carne bovina e avícola. No caso da carne bovina, a queda dos preços está atrelada, principalmente, à expansão da oferta de animais em peso ideal para o abate. Ademais, conforme destacado pela equipe Boi/Cepea, alguns fatores de ordem macroeconômica são responsáveis por manter os níveis de consumo interno da carne bovina enfraquecido desde 2022, o que potencializa a pressão sobre os preços. Essa dinâmica é semelhante à observada para a carne de frango, cuja retração dos preços está atrelada ao aumento da disponibilidade da proteína no mercado aliado ao baixo consumo doméstico. Diante disso, a partir de agosto, os avicultores implementaram ajustes na produção de modo a reduzir a oferta e, dessa forma, impulsionarem os preços. Já em relação à carne suína, na contramão das anteriores, os preços se mantiveram em patamares superiores ao observado no ano passado, o que se atribui à alta liquidez do mercado e ao ritmo acelerado de embarques de carne suína.

No caso da indústria de laticínios, a projeção indica queda de 4,70% do valor bruto de produção anual em decorrência da retração de 5,83% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, uma vez que é esperado crescimento de 1,20% da produção anual. De maneira semelhante ao observado na bovinocultura para leite, a mudança na projeção anual da indústria de laticínios se deveu à reversão do comportamento dos preços dos produtos ao longo dos últimos meses, que têm registrado consecutivas quedas. Conforme equipe Leite/Cepea, a

desvalorização dos laticínios se atribui, por um lado, à demanda ainda fragilizada e sensível aos preços, e, por outro lado, à pressão por preços mais baixos dos canais de distribuição nas negociações. Soma-se a este contexto o aumento da disponibilidade de lácteos no mercado devido ao forte crescimento do volume de importação, cujos preços são mais competitivos, o que intensifica ainda mais a pressão sobre os preços ao longo de toda a cadeia produtiva.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: apesar de apresentar queda no terceiro trimestre, agrosserviços avançam no acumulado do ano

No terceiro trimestre de 2023, o PIB dos serviços do agronegócio brasileiro caiu 0,61%, como resultado da queda de 0,97% dos agrosserviços agrícolas, haja vista o crescimento de 0,38% dos agrosserviços pecuários. No acumulado do ano, o segmento apresentou crescimento de 0,59%, resultante da combinação do avanço de 1,37% do ramo pecuário e de 0,31% do ramo agrícola. Em geral, o desempenho dos agrosserviços reflete a conjunção de eventos que ocorrem nos segmentos a montante. Nesse sentido, fatores como o crescimento da criação de rebanhos e das safras recordes, bem como o crescimento do número de abates, influenciam positivamente os resultados dos agrosserviços, à medida que demanda a prestação de serviços de transporte, armazenagem, comércio e outros serviços, como financeiros, contábeis, jurídicos, de comunicação, entre outros. Por outro lado, o desempenho negativo das indústrias de insumos e de processamento, com destaque para aquelas de base agrícola, contribuem negativamente para os resultados dos agrosserviços.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro apresentou queda de 1,37% no terceiro trimestre de 2023, resultando uma queda acumulada de 0,91%. Ressalta-se que até o segundo trimestre, o setor vinha em um processo de recuperação da queda observada em 2022. Considerando o desempenho da economia brasileira como um todo, até o momento, o PIB do agronegócio pode responder por 24,1% do PIB do País.

O desempenho do agronegócio foi afetado negativamente pelo recuo dos preços em todos os segmentos. No entanto, o resultado não se tornou mais desfavorável devido ao desempenho de safra recorde no campo e ao crescimento na produção pecuária, laticínios e volume de abates. Esses fatores, por sua vez, impulsionaram a demanda tanto para os segmentos de insumos quanto para os agrosserviços. No primário, destacaram-se significativas reduções nos preços de importantes culturas, como algodão, café, milho, soja e trigo, assim como boi gordo, frango vivo e leite. Nas agroindústrias de base agrícola, ressaltam-se as quedas nos preços de biocombustíveis, produtos de madeira, óleos vegetais e na indústria do café, entre outros. Nas de base pecuário, os preços mais baixos impactaram principalmente as indústrias de laticínios e de abate e preparação de carnes e pescados.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, se consideradas apenas as atividades do ramo agrícola, houve queda de 0,38% no PIB, no acumulado, e de 1,05% no trimestre. Se consideradas apenas as das atividades do ramo da pecuária, verificou-se encolhimento de 2,29% no acumulado e de 2,22% no trimestre. Já pela perspectiva dos segmentos do setor, no acumulado do ano, o PIB dos insumos apresentou retração de 18,81%, com quedas nos ramos agrícola (-21,94%) e pecuário (-8,81%). O desempenho desse segmento foi impactado negativamente pela queda expressiva do valor bruto da produção, pressionado sobretudo pelas desvalorizações de preços dos fertilizantes, dos defensivos e das rações para animais.

No segmento primário do agronegócio, embora o PIB tenha se retraído 1,84% no trimestre, houve um crescimento acumulado de 0,43% no ano. A sustentação desse resultado é atribuída ao desempenho da agricultura, que avançou 0,79% no trimestre, acumulando crescimento de 4,79% no ano – impulsionado sobremaneira pelo ritmo de produção, com safras recordes e, ainda, pelo arrefecimento dos custos de produção, face ao barateamento de insumos, como fertilizantes e defensivos. Quanto à pecuária dentro da porteira, houve queda de 6,22% no trimestre, acumulando redução de 6,56% no ano. Em que pese o aumento da produção esperada para o ano e a redução dos custos com alimentos, atividades importantes – leite, bovinos e frangos para corte – sofreram expressivos recuos em seus preços.

No segmento agroindustrial, a queda do PIB no trimestre (-0,61%) decorreu de queda para as agroindústrias de base agrícola (-0,92%) e crescimento para a de base pecuária (0,79%). No acumulado, no entanto, o crescimento observado para o segmento (0,12%) reflete o desempenho das agroindústrias de base pecuária (0,90%), visto a estabilidade para a de base agrícola (-0,06%). Na indústria agrícola, apesar dos menores custos e do modesto aumento da produção, a queda no valor da produção decorrente da queda nos preços pressionou o resultado. Na indústria pecuária, o desempenho positivo se deveu sobretudo à redução dos custos com insumos, tendo em vista a queda no valor da produção pressionado pelo comportamento desfavorável dos preços.

Por fim, o PIB do segmento de agrosserviços registrou uma queda de 0,61% no trimestre, sendo resultado de uma diminuição de 0,97% nos de base agrícola e um crescimento de 0,38% nos de base pecuária. Dessa forma, o segmento acumulou um aumento de 0,59% no ano, refletindo um crescimento de 0,31% nos agrosserviços agrícolas e de 1,37% nos pecuários. De maneira geral, esses resultados espelham as dinâmicas dos segmentos a montante, destacando especialmente os aumentos de produção dentro e fora da porteira.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/22	1,08	-0,68	-0,38	-0,49	-0,44
out/22	-0,90	1,42	0,15	0,59	0,55
nov/22	-0,60	0,56	0,20	0,53	0,34
dez/22	0,02	-0,22	-0,13	-0,13	-0,17
jan/23	-0,23	0,82	0,12	0,29	0,36
fev/23	-1,39	0,21	0,05	-0,05	-0,05
mar/23	-3,21	0,22	0,08	-0,01	-0,13
abr/23	-3,05	1,26	0,34	0,53	0,47
mai/23	-2,74	0,06	0,17	0,27	0,00
jun/23	-2,66	-0,27	-0,02	0,16	-0,18
jul/23	-2,43	-0,42	-0,41	-0,25	-0,47
ago/23	-2,17	-0,73	-0,18	-0,10	-0,43
set/23	-2,69	-0,70	-0,02	-0,26	-0,48
Acumulado (jan-set)	-18,81	0,43	0,12	0,59	-0,91

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/22	1,90	-1,99	-0,78	-1,26	-1,16
out/22	-0,62	1,60	-0,10	0,19	0,24
nov/22	-0,43	0,80	-0,18	-0,05	-0,01
dez/22	-0,72	-0,28	-0,27	-0,49	-0,47
jan/23	-0,14	1,08	0,08	0,31	0,40
fev/23	-1,41	0,24	0,18	0,14	0,06
mar/23	-3,67	0,59	0,31	0,31	0,11
abr/23	-3,76	1,80	0,38	0,59	0,55
mai/23	-3,22	0,01	0,07	0,04	-0,18
jun/23	-3,47	0,19	-0,15	-0,11	-0,26
jul/23	-2,67	0,07	-0,49	-0,39	-0,46
ago/23	-2,69	0,20	-0,37	-0,31	-0,36
set/23	-3,35	0,51	-0,06	-0,27	-0,23
Acumulado (jan-set)	-21,94	4,79	-0,06	0,31	-0,38

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/22	-1,08	1,75	1,46	1,75	1,49
out/22	-1,11	1,57	1,24	1,73	1,39
nov/22	-0,54	0,52	1,88	2,16	1,30
dez/22	3,09	0,16	0,46	0,87	0,65
jan/23	-0,55	0,39	0,31	0,25	0,27
fev/23	-1,34	0,16	-0,54	-0,56	-0,33
mar/23	-1,72	-0,39	-1,00	-0,93	-0,78
abr/23	-0,88	0,36	0,14	0,36	0,26
mai/23	-1,31	0,16	0,66	0,95	0,48
jun/23	-0,27	-1,04	0,55	0,92	0,05
jul/23	-1,68	-1,24	-0,03	0,16	-0,50
ago/23	-0,65	-2,31	0,67	0,46	-0,60
set/23	-0,77	-2,80	0,15	-0,23	-1,14
Acumulado (jan-set)	-8,81	-6,56	0,90	1,37	-2,29

Fontes: Cepea/USP e CNA

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/22	8,2%	26,8%	23,2%	41,9%	100,0%
out/22	7,7%	27,3%	23,0%	42,0%	100,0%
nov/22	7,4%	27,6%	22,9%	42,1%	100,0%
dez/22	7,3%	27,7%	22,8%	42,2%	100,0%
jan/23	6,7%	28,5%	22,5%	42,3%	100,0%
fev/23	6,4%	28,2%	23,0%	42,5%	100,0%
mar/23	5,8%	28,2%	23,2%	42,8%	100,0%
abr/23	5,5%	28,5%	23,1%	42,8%	100,0%
mai/23	5,4%	28,3%	23,2%	43,1%	100,0%
jun/23	5,4%	28,0%	23,3%	43,3%	100,0%
jul/23	5,5%	27,9%	23,3%	43,4%	100,0%
ago/23	5,5%	27,6%	23,4%	43,5%	100,0%
set/23	5,5%	27,5%	23,5%	43,5%	100,0%
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/22	9,0%	22,1%	26,2%	42,7%	100,0%
out/22	8,4%	23,0%	25,9%	42,7%	100,0%
nov/22	8,0%	23,6%	25,7%	42,7%	100,0%
dez/22	7,7%	23,9%	25,6%	42,7%	100,0%
jan/23	7,1%	24,8%	25,2%	43,0%	100,0%
fev/23	6,7%	24,0%	25,8%	43,4%	100,0%
mar/23	6,0%	24,1%	26,1%	43,7%	100,0%
abr/23	5,6%	24,7%	26,0%	43,7%	100,0%
mai/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
jun/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
jul/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
ago/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
set/23	5,5%	24,4%	26,3%	43,8%	100,0%
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/22	6,1%	39,1%	15,3%	39,6%	100,0%
out/22	6,0%	38,7%	15,3%	40,0%	100,0%
nov/22	5,9%	38,0%	15,5%	40,6%	100,0%
dez/22	6,1%	37,5%	15,6%	40,8%	100,0%
jan/23	5,5%	38,4%	15,5%	40,6%	100,0%
fev/23	5,4%	39,3%	15,3%	40,1%	100,0%
mar/23	5,4%	39,4%	15,2%	40,0%	100,0%
abr/23	5,4%	39,1%	15,2%	40,3%	100,0%
mai/23	5,3%	38,6%	15,3%	40,9%	100,0%
jun/23	5,3%	37,6%	15,5%	41,5%	100,0%
jul/23	5,3%	37,2%	15,6%	41,9%	100,0%
ago/23	5,4%	36,3%	15,9%	42,4%	100,0%
set/23	5,5%	35,7%	16,1%	42,7%	100,0%

Fontes: Cepea/USP e CNA.

A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)

	PIB Volume do Agronegócio*				
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-2,84	19,11	0,46	8,01	8,48
Ramo Agrícola	-4,20	27,51	-1,33	7,80	9,00
Ramo Pecuário	1,59	5,90	8,34	8,59	7,11

Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção

agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi – Diretor Técnico

Maciel Aleomir da Silva – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador

Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica

Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica

Guilherme Augusto Costa Rios – Assessor Técnico

Gustavo Vaz da Costa – Assessor Técnico

Maria Angélica Echer Ferreira Feijó – Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D – Coordenador científico do Cepea

Nicole Rennó Castro, Dra – Coordenadora técnica do projeto

Pesquisadores Macroeconomia:

Gabriel Costeira Machado, Dr.

Felipe Miranda de Souza Almeida, Dr.

Adriana Ferreira Silva, Dra.

Arlei Luiz Fachinello, Dr.